

## **Fazendo história.**

### **Uma reflexão sobre esse campo na área da psicologia.**

**Marina Autuori**

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia (Processos Psicossociais e Coletivos) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPS. Orientador: Francisco Teixeira Portugal. [marinaautuori@hotmail.com](mailto:marinaautuori@hotmail.com)

O objetivo desse trabalho é propor uma reflexão sobre a pesquisa histórica em psicologia e suas implicações teóricas e metodológicas. A pesquisa histórica nos remete a muitas questões. Como temos acompanhado nos escritos sobre o assunto, muitos problemas são encontrados ao se resgatar uma história. Este é o tema deste trabalho, discutir as questões inerentes a reconstrução do passado.

Acostumados que estamos a considerar o mundo em que vivemos tal como se apresenta sem refletirmos sobre sua constituição atual e seu passado, o resgate histórico torna-se ferramenta de fundamental relevância a fim de viabilizar um novo olhar sobre esse mundo. O conhecimento do passado nos permite ver que a maneira como pensamos e agimos e nossas opções de escolhas não foram sempre assim e que existem motivos e causas de origem passadas que fizeram o presente ser como é hoje.

“Entende-se a História, ou seja, a tentativa de reconstrução da gênese de acontecimentos e, principalmente, de nossas idéias, hábitos e costumes, como a grande ferramenta virtualmente apta a nos permitir desnaturalizar as idéias que expressamos, bem como os costumes que compartilhamos com aqueles outros que nos constituem e com quem, juntos, construímos o mundo em que vivemos.” (Jacó-Vilela, 1999)

A psicologia social trouxe muitas contribuições nesse sentido ao introduzir a perspectiva histórica nas pesquisas científicas em psicologia. De acordo com Spink e Spink (2006), apesar de existir uma grande variedade de teorias, metodologias e pressupostos teóricos em psicologia social que se contrapõe, é possível encontrar dois eixos de conexão para tentar delimitar minimamente esse campo de saber. São dois temas que se encontram nas pesquisas na área da psicologia social. Um deles são as teorias sobre a maneira como damos sentido aos eventos do cotidiano e o outro são sobre as formas de sociabilidade. Contudo, mesmo dentro desses temas nos deparamos com divergências teóricas e metodológicas. Atualmente a perspectiva histórica é considerada de enorme relevância nas metodologias utilizadas nas pesquisas científicas.

“Hoje, entendemos os métodos como linguagem social, como formas de falar sobre o mundo e de construir realidades sociais. É uma postura muito distante dos compêndios de métodos [...] que priorizavam desenhos experimentais e enquete por amostragem, ou do influente manual sobre métodos experimentais e quase experimentais [...] que teve imensa

penetração especialmente na pesquisa de avaliação.”(Spink e Spink, 2006:582)

Não podemos esquecer que, segundo Portugal (2006), no início da legitimação da psicologia social norte americana houve a valorização de uma perspectiva experimental e individualista de utilidade para o controle dos indivíduos. As contribuições de caráter social e crítico, que foram de enorme relevância para a psicologia social, ficavam à época a margem do pensamento hegemônico.

“A psicologia social norte-americana também foi construída no solo experimental e quantitativista, elaborando para si uma história positivista. [...] Nesse sentido as vertentes do pensamento universitário que não foram marcadas fortemente por tais tendências e que não valorizaram os procedimentos experimentais e quantitativistas foram ativamente secundarizadas ou expurgadas da psicologia.” (Portugal, 2006:464)

Bock (2006) nos mostra que a psicologia social no Brasil esteve sobre forte influência americana e que somente a partir do anos de 1980 com a criação da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) abriu-se a possibilidade de rompimento com a psicologia social americana e européia.

Mas trabalhar com a perspectiva histórica é tarefa que exige dedicação, trabalho e aprofundamento de suas reflexões teórico-metodológicas. De acordo com Spink e Spink (2006) a história é uma disciplina complexa e como tal exige uma série de cuidados. Como temos acompanhado nos escritos sobre o assunto, muitas questões vem sendo levantadas ao longo do tempo dentro dessa área de conhecimento que vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento. Vamos aqui tentar, dentre tantas abordagens distintas, levantar algumas dessas questões, que ainda atuais, atravessam esse campo de saber, procurando assim produzir algumas reflexões.

Segundo Antunes

“Resgatar o passado tal como se deu na sua totalidade não é completamente possível, nem é tarefa que consiga chegar a ser um produto acabado. Deve-se procurar, no entanto, juntar os elementos disponíveis, organizá-los, buscando compreender suas contradições e a dinâmica de seu movimento e, fundamentalmente, tentar, com a limitação inerente ao olhar do presente, mais se aproximar do passado e compreendê-lo a partir dos sinais que permaneceram. Melhor compreendendo o passado e seu processo de construção, certamente se tornará mais límpida a compreensão do presente, no qual o passado se encontra como uma determinação e base de sustentação.” (Antunes, 1996)

A história não é uma sucessão de acontecimentos lineares identificáveis e passíveis de uma única ordenação lógica. Então não precisamos tentar o impossível, mas mesmo dentre as possibilidades existentes, muitos problemas se fazem presentes e precisam ser solucionados. Uma mesma história pode ser construída de diferentes perspectivas, e muitos questionamentos existem sobre quais as melhores dentre elas.

Uma perspectiva internalista, de acordo com Massimi, et al (1996) enfatiza “a análise da lógica interna da produção intelectual, focalizando a evolução científica a partir das contribuições originais dos autores. O “internalismo” é uma leitura historiográfica sem duvida muito fecunda, sobretudo ao evidenciar os problemas teóricos fundamentais da psicologia moderna e ao proporcionar uma leitura epistemológica da evolução histórica da psicologia.”

Outra perspectiva é a que trabalha com a história do ponto de vista dos seus personagens, de seus feitos, de suas contribuições para a área. Muitos nomes são citados quando estudamos a história da psicologia personalista, mas não podemos perder de vista que muitos outros desconhecidos podem ter contribuído para o desenvolvimento da área esperando que algum dia sejam devidamente reconhecidos. E sabemos também que uma história não se faz só com grandes homens, mas que outros fatores também contribuem de forma decisiva para o seu desenvolvimento, como fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Mas encontrar todas essas ligações pode ser tarefa interminável e exigiria de seu propositor uma formação e conhecimentos extraordinários. Não só personagens, mas acontecimentos também são colocados a margem da história contada. De acordo com Jacó-Vilela (1999) a pesquisa histórica promove o encontro daquilo que foi objeto de esquecimento. E o verdadeiro processo de descoberta se dá quando conseguimos, ao constatar o esquecimento, ir além dele e investigar o seu porquê, analisando as relações de força presentes naquele momento histórico.

“...a memória histórica dominante e oficial tem sido, sem dúvida, um lado perverso de nossa história, pois foi produzida pelas práticas hegemônicas no sentido de apagar os vestígios que os diferentes segmentos, e mesmos os considerados opositores, vão deixando ao longo de suas experiências cotidianas de vida, de resistência. Esta história “oficial” tem se esforçado continuamente em negar e mesmo ignorar essas diferentes forças sociais como sujeitos que forjam uma determinada história, sempre esquecida e nunca narrada oficialmente.” (COIMBRA, 2001: 12)

De acordo com Jacó-Vilela a pesquisa histórica promove o encontro daquilo que foi objeto de esquecimento.

“Pretendo, primeiro, fazer menção a um sentimento que, dizem, é comum a historiadores: a sensação de surpresa, de encontrar coisas inesperadas ou inexplicáveis - o sentido de descoberta, talvez. Esta, contudo, é ambígua: o que assim denominamos significa, muitas vezes, o encontro daquilo que foi objeto de esquecimento. O verdadeiro processo de descoberta se dá então, a meu ver, quando conseguimos, ao constatar o esquecimento, ir além dele e investigar o seu porquê, analisando as relações de força presentes naquele momento histórico.” (Jacó-Vilela, 1999)

Um outro problema quando se trabalha com história é a dificuldade de se pensar o passado tendo como referencial os valores da época, evitando interpretações do passado a partir do contexto atual. De acordo com Brozek (1996) o Historicismo é a compreensão de uma idéia, de um autor ou de uma abordagem no quadro de uma fatia do tempo, evitando a intrusão, quase involuntária, do pensamento presente. Para tanto faz-se necessário pensarmos a partir dos valores e contextos sócio-culturais da época estudada.

Podemos contar também com o recurso metodológico da história oral que atualmente não é mais considerada como uma metodologia auxiliar na pesquisa histórica quando não são encontrados documentos escritos, sendo inclusive, muitas vezes a fonte principal da pesquisa. A história oral também apresenta suas particularidades e questionamentos próprios à área. Mas se apresenta como uma metodologia valiosíssima uma vez que investiga o passado a partir de personagens que dele fizeram parte e que podem contribuir com seus depoimentos para a sua reconstrução. Contudo, pelo fato da história oral estar pautada na subjetividade, fica sempre a dúvida sobre a veracidade das informações relatadas.

“É o primeiro problema do pesquisador. Como controlar as informações obtidas? Até que ponto serão fidedignas? E assumir que nenhum depoimento pode ser considerado como rigorosamente fiel a tão almejada “verdade dos fatos”. Pois todo testemunho é, antes de mais nada, *autobiográfico*. Implica a *rearrumação* de varias lembranças. Provoca um trabalho de construção, que transforma longínquas reminiscências em um discurso organizado e razoavelmente lógico. A partir do momento em que a pessoa foi convidada a dar seu depoimento, ela repensa o assunto e, aos poucos, vai elaborando o seu discurso.” (AUGRAS, 1997: 28).

De acordo com Thompson (1992) as fontes orais são mais preciosas que as fontes escritas, pois possuem um valor extraordinário como testemunho subjetivo. Um pouco desse valor se encontra no fato da história oral apresentar-se como forma imediata de registro.

“Todas as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas; e a elas se somam pistas sociais, as nuances da incerteza, do humor ou do fingimento, bem como a textura do dialeto. Ela transmite todas as qualidades distintivas da comunicação oral, em vez da escrita – sua empatia ou combatividade humana, sua natureza essencialmente tentativa, inacabada.” (Thompson, 1992:146)

Outras abordagens históricas privilegiam as contribuições práticas ou os processos de institucionalização de suas práticas e ou seus saberes. Encontramos muitas análises das práticas psicológicas principalmente no período posterior a sua regulamentação no ano de 1962. Análises importantes, dentre muitas, de autoras como Coimbra (1995) e Russo (2002) que fazem uma reflexão sobre as práticas psicológicas nos anos de 1970, associada a uma análise social do período da ditadura no Brasil, sobre o movimento psicanalítico, sobre qual papel social pode ser atribuído a função do psicólogo e sobre demandas psicológicas forjadas pela repressão na época da ditadura militar. Outras tantas análises, não menos importantes, contribuem como ferramentas indispensáveis para uma reflexão teórico-metodológica da área. Não é objetivo deste trabalho esgotar todas as perspectivas e abordagens existentes na história da psicologia no Brasil. Minha intenção é marcar a importância desse território, sinalizar a existência de diferentes maneiras de trabalhar a história e enfatizar a necessidade do reconhecimento do alcance social das construções teóricas. Por mais engraçado que pareça, refletimos sobre pressupostos teórico-metodológicos (da construção histórica) que constroem novas teorias e métodos que servem como ferramentas para uma reflexão crítica na área da psicologia.

## **Conclusão**

Talvez possamos conceber que todas as metodologias, ou muitas delas, tenham seu valor, dependendo do ângulo ou do foco que se pretende abordar na construção da pesquisa histórica a ser desenvolvida e que justifique essa escolha metodológica.

Se é certo que corremos muitos riscos ao trabalharmos como historiadores, se não ousarmos a realizar esse trabalho nunca poderemos transpor os riscos encontrados.

Acredito que seja fundamental para uma pesquisa histórica, uma escolha metodológica coerente com os objetivos propostos e que deixe claro suas intenções. Como afirma Bernardes (2004) a pesquisa científica é uma prática social como qualquer outra e, assim sendo, uma ação que fornece sentido ao mundo e portando delimitada por

dimensões políticas e éticas. A ciência não é neutra, faz parte de um contexto sociocultural específico e deve responder sobre seus atos nesse contexto.

Devemos ter em mente que numa sociedade tão imediatista como a que vivemos atualmente no mundo ocidental a memória parece não ter lugar. É melhor que fique apagada, esquecida, guardada, para que lembrar? Pensamos muito no futuro, fazemos planos para o futuro, mas com o tempo passado, quem se importa? É sempre o futuro o tão sonhado e almejado presente do presente. A memória como exercício de resgate do passado e a história como registro da reconstrução do passado não tem valor comercial, visto que nossa sociedade neoliberal regida pela lógica de mercado não valoriza esse tipo de produção de conhecimento.

“A lógica neoliberal abafa qualquer possibilidade de reflexão sobre os processos políticos e sociais, utilizando retóricas diversas para obter seu intento: de fundamentalismos religiosos a concepções científicas. Também modula seu discurso para o público-alvo que quer atingir, imperando de forma totalitária no social.” (BERNARDES, 2004: 23)

Coimbra (2001) chama atenção para a importância que os múltiplos e diferentes atravessamentos históricos têm em nossas práticas cotidianas, atravessamentos que em nosso mundo “psi”, têm sido enfática e sistematicamente negados, ignorados e não percebidos como constituindo e produzindo nossas vidas.

“Assim, a história das práticas *psi* em nosso país aponta para a seguinte questão: por que os atravessamentos históricos têm sido negados, desqualificados, ignorados? É como se tais práticas, por sua *pureza*, estivessem acima das *coisas terrenas*, não podendo com elas se misturar.” (COIMBRA, 2001: 11)

É o conhecimento da construção dessa história que possibilita ao psicólogo, avaliar suas escolhas, suas práticas e seu envolvimento na construção do futuro da profissão.

“Esse tipo de iniciativa contribui, assim, para que seja desconstruída uma visão naturalista (espontaneísta) do desenvolvimento da área de conhecimento e da atuação profissional” (Bock e Ferreira, 2001).

O passado está vivo no presente e continuará existindo também no futuro. Querer entender o presente a partir de uma reflexão crítica sem conhecer o passado é impossível, pois faltarão elementos fundamentais na sua composição, sem os quais uma análise tornar-se-á incompleta, não elucidativa, empobrecida e ineficaz. O conhecimento do passado nos conduzirá à compreensão e principalmente nos capacitará para uma reflexão crítica da atualidade.

“Uma prática científica que se esquece de se pôr a si mesma em causa não sabe, propriamente falando, o que faz.” (Bourdieu, 1998)

Nesse cenário, mais do que nunca, o exercício de olhar para o passado é de enorme importância para o presente. Faz ser possível compreendê-lo, faz ser possível posicionarmos-nos conscientemente através de nossas escolhas, faz ser possível nos responsabilizarmos por nossas escolhas e não sermos simplesmente um mastro que desliza ao sabor do vento. Passamos a ser um mastro que sabe da onde o vento vem e

assim podemos nos colocar de acordo com o caminho que pretendemos seguir. Uma vez que as práticas e saberes “psi” se constituem em relação a determinadas condições históricas, não podemos, portanto analisá-las fora dos seus contextos. Neste sentido, o resgate histórico dos saberes e fazeres psicológicos contribui, cada vez mais, para a consolidação da profissão de psicólogo demonstrando sua relevância. Como mostra uma lenda anônima encontrada na internet, é preciso conhecer as origens e os contextos que as motivaram.

“Sentados à beira do rio, dois pescadores seguram suas varas à espera de um peixe. De repente gritos de crianças trincam o silêncio. Ambos se assustam, olham em frente, olham para trás. Os gritos continuam e nada. Vêm então que a correnteza trazia duas crianças, pedindo socorro. Os pescadores pulam n’água. Só conseguem salvá-las à custa de grande esforço. Mais berros quando estão prestes a sair do rio. Notam quatro crianças debatendo-se, tentando salvar suas vidinhas. Só conseguem resgatar duas e sentem, além do cansaço a frustração pela perda. Não refeitos, ofegantes, exaustos, escutam uma gritaria ainda muito maior. Desta vez, oito pequenos seres vêm sendo trazidos pela correnteza. Um pula, o outro vira-se e ruma à estrada que acompanha a subida do rio. O amigo grita: - Você enlouqueceu, não vai me ajudar? Sem parar o passo, o outro responde: - Tente fazer o que puder. Vou tentar descobrir quem, ou o que, está jogando as crianças no rio.”  
(Lenda)

## Referências Bibliográficas:

ANTUNES, M. A. M., Algumas Reflexões acerca de Minha Formação como Pesquisadora em História da Psicologia in: História da psicologia, org. Campos, R. H. F., São Paulo: EDUC: ANPEEP, 1996.

\_\_\_\_\_ A Psicologia no Brasil: memória e esquecimento. Revista PUCVIVA nº 7, publicação acadêmica e informativa trimestral dos professores da PUC-SP, dezembro de 1999, disponível em [www.apropucsp.org.br/revista/r07\\_r01.htm](http://www.apropucsp.org.br/revista/r07_r01.htm), acesso em set. 2009.

\_\_\_\_\_ A Psicologia no Brasil: Leitura histórica sobre sua constituição. São Paulo: Unimarco Editora/ Educ., 1998.

AUGRAS, M. História oral e subjetividade, em SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von (org.). Os desafios contemporâneos da historia oral. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

BERNARDES, J. S. O debate atual sobre a formação em psicologia no Brasil - permanências, rupturas e cooptações nas políticas educacionais. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. PUCSP, São Paulo, 2004.

BOCK, A. M. B. A psicologia no Brasil e SUS relações com o marxismo. In: In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (orgs.) História da Psicologia: Rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.

BOCK, A. M. B. & FERREIRA, M. R. O resgate histórico como método para a construção da Psicologia. In: JACÓ-VILELA (org). Eliezer Schneider. Rio de Janeiro: Imago Ed., CFP, 2001.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro. Editora: Bertrand Brasil. 2000.

BROZEK, J e GUERRA, E. L., O que Fazem os Historiógrafos? Uma leitura de Josef Brozek in: História da psicologia, org. Campos, R. H. F., São Paulo: EDUC: ANPEEP, 1996.

BROZEK, J. e MASSIMI, M. (org.) Historiografia da psicologia moderna. Edições Loyola, São Paulo, 1998.

CAMPOS, R. H. F. (org) Historia da psicologia. São Paulo: EDUC: ANPEEP, 1996

COIMBRA, C. M. B. Guardiões da ordem. Uma viagem pelas práticas *psi* no Brasil do “Milagre”. Oficina do autor. Rio de Janeiro, 1995.

\_\_\_\_\_ Fazendo História, In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs). CLIO-PSYCHÉ HOJE - Fazer e Dizeres Psi na História do Brasil. Rio de Janeiro, RELUME-DUMARÁ- FAPERJ, 2001.

ESCH, C. F. e JACÓ-VILELA, A. M. A regulamentação da profissão de Psicólogo e os currículos de formação psi. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CERREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs). CLIO-PSYCHÉ HOJE - Fazer e Dizer Psi na História do Brasil. Rio de Janeiro, RELUME-DUMARÁ- FAPERJ, 2001.

JACÓ-VILELA A. M. Psicologia: Um saber sem memória? In: JACÓ-VILELA, A. M.; JABUR, F.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs.). Clio-Psyché - Histórias da Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro, NAPE/UERJ, 1999.

\_\_\_\_\_ Formação do psicólogo: um pouco de história. Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia. 8(4): 79-91. Supl. Jul/dez. , 1999

\_\_\_\_\_ A nova ciência, instrumento para construção da República. In: Jacó-Vilela, A. M.; Cerrezzo, A. C.; Rodrigues, H. B. C. (orgs). CLIO-PSYCHÉ ONTEM - Fazer e Dizer Psi na História do Brasil. Rio de Janeiro, RELUME-DUMARÁ-UERJ, 2001.

JACÓ-VILELA, A. M.; CERREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs). Clio-Psyché Ontem - Fazer e Dizer Psi na História do Brasil. Rio de Janeiro, Relume-Dumará-UERJ, 2001.

JACÓ-VILELA, A. M.; JABUR, F.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs.). Clio-Psyché - Histórias da Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro, NAPE/UERJ, 1999.

LENDA. Disponível em <http://www.aguaforte.com/mercadorpalavras/mercador-r.html>. Acesso em jun. 2009.

MANCEBO. D. Formação em Psicologia: Gênese e primeiros desenvolvimentos. In: JACÓ-VILELA, A. M.; JABUR, F.; RODRIGUES, H. B. C. (orgs.). CLIO-PSYCHÉ - Histórias da Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro, NAPE/UERJ, 1999.

MANCEBO, D e JACÓ-VILELA, A. M. (org) Psicologia Social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2004.

PESSOTTI, I. Dados para uma história da Psicologia no Brasil. In: ANTUNES, M. A. N. (Org.) História da Psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

PORTUGAL, F. T. Psicologia social em George Herbert Mead, na Escola de Chicago e em Erving Goffman. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (orgs.) História da Psicologia: Rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.

RUSSO, J. O mundo psi no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SPINK e SPINK. A psicologia social na atualidade. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (orgs.) História da Psicologia: Rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992